

CONCURSO CULTURAL

Regulamento:

Tema: Fazenda Engenho Novo.

Objetivo: produção de uma redação que disserte sobre a história da Fazenda e das pessoas que participaram dela: escravizados e seus descendentes.

Os cuidados básicos são:

- Não fugir do tema proposto.
- Usar fontes variadas e seguras como base de sua escrita.
- Organizar a redação em no mínimo 3 parágrafos bem divididos e fundamentais contendo: **Introdução, Desenvolvimento, Conclusão**
- Utilizar linguagem formal e adequada às normas da língua portuguesa, evitando gírias e estrangeirismos em excesso. Podendo usar eventualmente termos estrangeiros mais populares como pizza, shopping e alguns outros conhecidos.
- Desenhos e sinais impróprios para o texto podem gerar cancelamento da redação.
- Erros ortográficos e falta de concordância verbal e nominal podem causar perda de pontos.
- Limite máximo de 30 linhas. Mínimo de 20 linhas
- Erros que podem zerar a redação:
Texto insuficiente e Letra ilegível

Serão premiados com **medalhas 30 alunos(as), dos quais, as 15 melhores redações, dará ao autor, 1 tablet.** Os medalhistas, também, ganharão uma visita guiada pelas ruínas da Fazenda, no dia do Evento de Premiação.

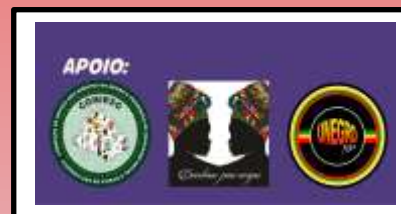
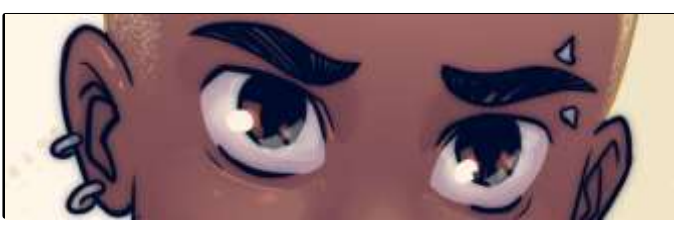
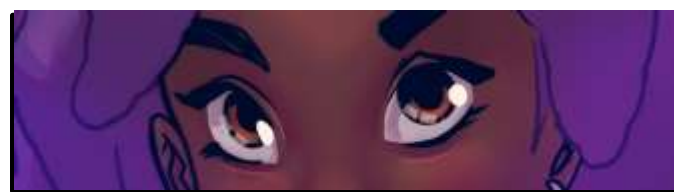
*** Os alunos que participarem da produção cultural ganharão certificação de participação.**

Cronograma:

Inscrições no Concurso: 16/08 até 06/09

Divulgação dos vencedores: 16/09

Evento de Premiação: 20/09



Venha comigo
pra saber mais
de nossas
origens e de
São Gonçalo!

CONCURSO CULTURAL
**A HISTÓRIA
QUE NÃO VIVI**
2ª EDIÇÃO

Participe do nosso
Concurso e
concorra a prêmios!



MOVIMENTO OCUPA FAZENDA ENGENHO NOVO

O Movimento Ocupa Fazenda Engenho Novo é um coletivo que foi criado em 2018 a partir da inquietação de



gonçalenses que possuem um sentimento de pertencimento ao patrimônio cultural da Fazenda Engenho Novo em São Gonçalo (RJ) e presenciam o deterioramento deste espaço. O coletivo se identifica como um movimento social negro e educador e tem o objetivo de resgatar a história e preservar o patrimônio material e imaterial da Fazenda Engenho Novo,

evidenciando para o poder público e para sociedade civil a importância histórica do espaço, a ausência de políticas públicas nessa região e a necessidade de inclusão social.



Além da pesquisa, o coletivo participou e promoveu ações culturais em São Gonçalo, como os **"21 Dias de Ativismo Contra o Racismo"**, nos anos de 2018 e 2019; o **"Café da Manhã, Sarau e Apresentações"** no dia 23 de novembro de 2019, em comemoração ao mês da Consciência Negra; o concurso cultural **"A História Que Não Vivi"** em duas escolas da região, com premiação na Fazenda em 15 de setembro de 2021; e o evento sociocultural **"Pelo Fim das Correntes"** em 14 de janeiro de 2023, com apresentações culturais, visita guiada e a oferta dos produtos cultivados pelos moradores do Assentamento Rural, numa feirinha.

SÃO GONÇALO E A FAZENDA ENGENHO NOVO

As origens de São Gonçalo remetem a 1579, quando o português Gonçalo Gonçalves recebeu terras no que hoje é a Praia da Luz e o Centro. A região era ocupada pelos povos originários Tupinambás ou Tamoios, e cultivavam mandioca, feijão, milho e abóbora. Nos períodos colonial e imperial São Gonçalo era uma sociedade mercantil, escravista, e católica, com fazendas, capelas, oratórios particulares e o templo da Igreja Matriz.

No século XIX São Gonçalo era parte de Niterói, e tinha engenhos de açúcar e aguardente e plantação de gêneros agrícolas. Tornou-se município em 1890 com crescimento significativo da população, na chegada de imigrantes europeus e migrantes de outras regiões do Brasil buscando oportunidades de trabalho nas indústrias emergentes e na agricultura. Mas onde a Fazenda Engenho Novo está inserida na história de São Gonçalo?



Localizada em Monjolos, ficou conhecida por ter pertencido a Belarmino Ricardo de Siqueira, o Barão de São Gonçalo, e ao conhecido Coronel Serrado. Foi cenário das gravações da minissérie "Memorial de Maria Moura" (Rede Globo) e o filme "Álbum de Família" de Nelson Rodrigues. A Fazenda Engenho Novo foi vendida pela família Serrado nos anos 1980. Em 1993, as terras da fazenda foram desapropriadas pelo ITERJ e deram origem ao Assentamento Rural Fazenda Engenho Novo. Em 1998 o espaço da Fazenda foi tombado pelo INEPAC. Mesmo assim, atualmente encontra-se em ruínas e necessita de ser preservada.

UMA NOVA E ANTIRRACISTA HISTÓRIA DA FAZENDA ENGENHO NOVO

Poucas pesquisas voltadas para a população negra gonçalense foram desenvolvidas, fazendo com que muitas histórias não fossem contadas. Mais conhecida pela história de seus proprietários, o objetivo aqui é dar voz àqueles que não puderam falar ou foram silenciados na história da Fazenda Engenho Novo, pessoas que foram escravizadas ou/e que trabalharam duro para que a Fazenda funcionasse.



Há muitas histórias a serem contadas, para essa tarefa é essencial a pesquisa em fontes históricas, principalmente para conhecer as histórias dos africanos e das africanas da fazenda nesses períodos. O cruzamento das informações de diferentes fontes pode revelar muitas histórias como já tem sido feito. Os livros de batismos revelam as cerimônias realizadas na capela que existia na Fazenda Engenho Novo. No inventário e testamento do Barão, por exemplo, podemos conhecer a história de Emiliana, africana registrada sob o número de matrícula 1813, que tinha 52 anos em 1872, e construiu uma extensa família. Emiliana alcançou a alforria pela quantidade de filhos gerados, seis, segundo a vontade do Barão. Eram eles: Anastácio, Lucas, Felix, Egídio, José e Jesuína.

No pós-abolição podemos destacar as histórias de Marcolina Alexandrina da Silva, que foi professora e era bisneta de uma escravizada de nome Marcolina Maria da Conceição, e Alfredo Pinheiro da Silva, neto de Silvestre Pinheiro, um liberto que se estabeleceu como arrendatário no sítio da fazenda, na condição de "lavrador". Estas duas pessoas, bem como seus familiares possuem um sentimento de pertencimento para com a Fazenda Engenho Novo. Ambos nascidos em São Gonçalo, as histórias de vida deles foram contadas em entrevistas ao grupo de trabalho do Movimento Ocupa, que se propõe a apresentar as histórias, vivências e as condições de vida de personagens negras invisibilizadas, mas que fazem parte da história de São Gonçalo, e consequentemente, do Brasil.